

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Faculdade de Educação
Residência Integrada Multiprofissional em Saúde Mental Coletiva

**Narrativas poético-amorosas: encontro entre saúde mental
coletiva e as relações étnico-raciais na saúde e educação**

Danielle Celi dos Santos Scholz

Porto Alegre

2015

Danielle Celi dos Santos Scholz

**Narrativas poético-amorosas: encontro entre saúde mental
coletiva e as relações étnico-raciais na saúde e educação**

Trabalho de Conclusão de Residência Integrada
Multiprofissional em Saúde Mental Coletiva do
Programa de Pós Graduação de Educação da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
Professora Orientadora: Daniele Noal Gai

Porto Alegre, janeiro de 2015.

AGRADECIMENTOS

À Nossa Senhora Aparecida que foi e é luz em todo meu caminho.

À minha mãe e meu irmão, por me apoiarem desde sempre. Obrigada!

Ao meu namorado e companheiro que esteve sempre ao meu lado nos momentos de alegria e tristeza e que fez parte deste percurso aqui narrado sempre me apoiando com carinho, amor, paciência e alegria.

Aos meus colegas residentes da turma de 2013. Obrigada por todos os abraços, beijos, amor, carinho, coletividade. Sem vocês não teria chegado até aqui. Um chérô minha gente linda!!

À todo o coletivo do Programa Residência Integrada Multiprofissional em Saúde Mental Coletiva do EducaSaúde, coordenação, equipes de apoio e residentes que foram apoio constante neste período de formação. Um abraço apertado em cada um.

Ao Coletivo Negração que me acolheu em Porto Alegre e me ensinou muito neste caminho de militância.

As enfermeiras do meu coração Tita Raffo e Gabi Bragato que me acolheram em Porto Alegre assim que cheguei e me deram força do início ao fim desta residência. Amigas, obrigada pelos abraços apertados para todas as horas.

À Ana Leticia Fontanive minha amiga e companheira das itinerâncias até o estágio optativo. É nós !

À minha orientadora Dani Noal que me mostrou inúmeras vezes como colocar em palavras o amor, a alegria, os encontros, as lutas e a vida e foi leveza e carinho nesta escrita.

À Anna Letícia Ventre por ter sido mais que uma preceptora mas, uma inspiração para vida e trabalho. Obrigada pelos ensinamentos que me ajudaram do início ao fim nesta trajetória da residência.

As minhas colegas e amigas Ana Maria Matzenbacher e Julia Schenkel por terem dividido comigo muitas das experiências aqui descritas sempre contribuindo com meu aprendizado.

À toda equipe do setor de Inclusão e Diversidade da Secretaria Municipal de Novo Hamburgo pelo acolhimento, apoio e aprendizado que mudaram minha formação e minha vida.

À toda equipe da Coordenação Estadual de Saúde da População negra, pelos ensinamentos que tive e oportunidade de dividir com todos e todas este momento histórico do SUS no Rio Grande do Sul.

À todos (as) usuários (as) e trabalhadores (as) do SUS que me encontrei nesta formação. Obrigada pelo aprendizado e carinho que foi amor, alegria e encontros nesta trajetória de residente.

Esta não é uma carta de despedida é uma carta de amor! Ao lembrar do dia que recebi o resultado da aprovação na residência consigo sentir de novo as sensações como se fosse agora. Porque amor é mesmo assim, as alegrias ficam marcadas e com um cheiro que passa no ar ou ao olhar uma foto sentimos a sensação de pulsar o coração de novo. Com as finalizações vem a saudade, o nó na garganta e um medinho do que vem pela frente, mas é só olhar para dentro do coração e a força para seguir enfrente está ali marcada pelas paixões, amor, encontros, poesias que fizeram parte da vida de residente.

Dani Scholz

RESUMO

Para apresentar o percurso na Residência Integrada Multiprofissional em Saúde Mental Coletiva optei por uma escrita em fragmentos, com excertos narrativos e outros poéticos. Os fragmentos, que não chamarei de citações, são entendidos aqui como: poético-amorosos. Isso se deve a temática que pretendo colocar em destaque, afirmando pelo amor o encontro entre saúde mental coletiva e as relações étnico-raciais na saúde e na educação. Das experiências aqui descritas, busquei, assim como no percurso feito nos campos de prática, encontrar traduções poéticas para minha formação. Eis que as narrativas aqui descritas carregam toda beleza dessa busca. Como se tudo estivesse predestinado no caminho da residência, encontrei a trilha dos meus desejos de trabalhadora, mulher, ser humano e militante. Por tudo isto, faz muito sentido narrar as itinerâncias, as mudanças de campo, as marcas de cada campo em mim, o AMOR, as ALEGRIAS, os ENCONTROS.

SUMÁRIO

1. O nascer no coletivo UBUNTU.....	08
2. Caminhos percorridos como cartógrafa.....	12
3. Narrativas poético-amorosas.....	14
3.1. Dos encontros com a poesia na construção das relações étnico-raciais na educação	14
3.2. Formação em saúde mental coletiva e o diálogo intersetorial com a educação: discutindo as relações étnico-raciais.....	21
3.3. Grupo Interdisciplinar: clínica ampliada no fazer e cuidar na educação.....	24
3.4. Contando uma história interdisciplinar na educação: formação em saúde mental coletiva.....	28
3.5. Modos de Cuidar e o Acompanhamento Terapêutico (AT): educação, inclusão e a potência das infâncias.....	32
3.6. Declare seu amor! Trabalho, formação, militância, gestão.....	34
3.7. “SOU PORQUE NÓS SOMOS”: discutindo saúde mental e Racismo.....	37
3.8. “SOU PORQUE NÓS SOMOS”! O I Encontro Estadual de Saúde Mental e Racismo.....	39
3.9. Formação no SUS: saúde mental coletiva no encontro com as relações étnico-raciais na saúde	43
4. Reflexões, amorosidade e utopias finais.....	45
5. Referências.....	47

O nascer no coletivo UBUNTU

Para apresentar o percurso na Residência Integrada Multiprofissional em Saúde Mental Coletiva optei por uma escrita em fragmentos, com excertos narrativos e outros poéticos. São trechos de autores estudados ao longo da Residência, como para este trabalho final de curso. Porém, trata-se de pequenas sutilezas que engolem preconceitos, especialmente afirmam a vida e o amor.

Enquanto cartografava minhas experiências encontrava sentidos nas palavras, e na poesia, para descrevê-las. Em meio à loucura, na Residência em escola, o reconhecimento do negro pelo amor. Os fragmentos, que não chamarei de citações, são entendidos aqui como: poético-amorosos. Isso se deve a temática que pretendo colocar em destaque, afirmando pelo amor o encontro entre saúde mental coletiva e as relações étnico-raciais na saúde e na educação.

Bondade - Nelson Mandela

*Ninguém nasce odiando outra pessoa
pela cor de sua pele,
ou por sua origem, ou sua religião.
Para odiar, as pessoas precisam aprender,
e se elas aprendem a odiar,
podem ser ensinadas a amar,
pois o amor chega mais naturalmente
ao coração humano do que o seu oposto.
A bondade humana é uma chama que pode ser oculta,
jamais extinta.*

“Sou porque nós somos”. Segundo Malomalo (2010) esse seria o resumo da ética UBUNTU. Etimologicamente, UBUNTU vem de duas línguas do povo banto, zulu e xhona, que habitam o território da República da África do Sul. Do ponto de vista filosófico e antropológico, o UBUNTU retrata a cosmovisão do mundo negro-africano. É o elemento central da filosofia africana, que concebe o mundo como uma teia de relações

entre o divino, a comunidade e a natureza. Esse pensamento é vivenciado pelos povos da África negra tradicional e é traduzido em todas as suas línguas.

Fazer parte de um coletivo dedicado às questões étnico-raciais, com ideologias, utopias, amores e dissabores me foi possibilitado ainda na graduação. Ser integrante do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiro da UNIPAMPA, na cidade de Uruguaiana/RS, proporcionou-me vivenciar a coletividade. Principalmente pelas discussões das relações étnico-raciais é que essa experiência tomou força em meus movimentos de vida e em minha formação profissional. Naquele momento, de minha formação em enfermagem, o encontro com as conceituações, discussões, projetos e escritas experienciadas faziam com que eu reconhecesse o quanto estava sendo subjetivada por esta filosofia de vida Africana. Naquela experiência ainda não conhecia o conceito de UBUNTU.

Ingressar no Coletivo da Residência Integrada Multiprofissional de Saúde Coletiva do Núcleo EducaSaúde foi uma experiência de fortalecimento do conceito e da prática de coletivo que eu tinha. Um lugar de acolhida, afeto, trabalho, experiências e abraços. Há, sim, abraços!! Muitos abraços, que reaprendi a dar e receber. Experiências de viver e refletir a Ética Africana tive com este grupo, de colegas Residentes e com meus professores. Neste Núcleo é que foram definidos os campos de experiência com os quais aprendi a Ética da experiência pela paixão.

Bondía (2002, p.19) descreve que “se experiência é o que nos acontece e se o sujeito da experiência é um território de passagem então experiência é uma paixão”. É assim que vejo o andar da minha vida neste coletivo de Residentes, como uma paixão, que dá abraços, oferece ilusões e desilusões, sonhos, durezas, belezas, afecções, dúvidas, tensões, muitos outros sentimentos que vem e vão repentinamente, mas que principalmente, como toda paixão, é o alicerce do amor que ensina e segue sempre conosco na vida.

UBUNTU/FAMÍLIA
Carlos Henrique Rangel

São tantas as gentes
Desconhecidas gentes
E sinto o elo da corrente

*Estranho que seja:
Família...
E nos amamos
E nos ferimos.
Ainda assim:
Família.
Uma grande casa
Abriga todos
E eu sinto o elo
E mais uns poucos.
No futuro todos:
Família*

Integrar um grupo que fale sobre a filosofia UBUNTU, que a materializa de forma artística, e também enquanto postura de ser humano, a ética Africana, vivenciei ao entrar no campo do setor inclusão e diversidade da Secretaria de Educação de Novo Hamburgo/RS. Este coletivo de potências de vida, que fiz parte durante um ano, deixou marcas para sempre no meu coração. Estas marcas fazem lembrar diariamente que devemos acreditar na potência de vida das pessoas, que “somos porque todos nós somos”.

Nesta experiência soube mais sobre dar oportunidade a diferença, dar valor e potência a adolescência e a infância. Inclusive a potencializar a infância que está dentro de nós, em mim. Assim como as descobertas que fiz dentro de mim, sobre a arte, por exemplo, tudo no tempo em que estive neste campo em formação e produzindo em coletivo. A experiência vivida com este coletivo remete às palavras de Malomalo (2010, p.21) ao descrever que:

O UBUNTU pertence ao pensamento alternativo, que cogita o mundo a partir da complexidade. E é oportuno reafirmar que toda filosofia carrega valores e antivalores. Para a filosofia de ubuntu, não se pode falar de economia e política sem levar em consideração os valores da comunidade cósmica. Os profissionais de todos os campos da teologia, das ciências sociais e da natureza, políticos, o homem e a mulher comuns, todos devem ser ouvidos. O ubuntu luta contra os reducionismos impostos pela razão indolente no fazer política e economia. A democracia participativa em todos os campos é tida como um valor.

Entre as experiências e os diálogos conceituais acerca da Ética UBUNTU fui incluída na Coordenação Estadual de Saúde da População Negra. Já na chegada fui convocada a declarar meu amor, assim como na campanha do quesito raça-cor no SUS

(Sistema Único de Saúde). Falei dos meus caminhos na luta pelo fim do racismo e discriminação racial. E deste dia em diante, por integrar esta equipe, vendo as reverberações do trabalho no estado, das intensas mobilizações sociais do Movimento Social Negro na luta pela saúde e um SUS mais equânime, vivo e vejo que muitos avanços são possíveis quando “somos porque todos nós somos”!

Cravos Vitais - Cuti

*escrevo a palavra
escravo
e cravo sem medo
o termo escravizado
em parte do meu passado
criei com meu sangue meus quilombos
crivei de liberdade o bucho da morte
e cravei para sempre em meu presente
a crença na vida*

Nesta Residência vivi encontros entre coletivos. Falar de coletividade é então, marcar linhas do meu processo de formação. Quantos pensamentos oriundos do olhar do coletivo vejo hoje que me constituem enquanto trabalhadora. Escolher trabalhar no SUS, é o primeiro deles, pois, diz mais do que ser “militante” mas fala do lugar de acreditar em uma nova sociedade, que tem espaços e direitos para todos independente da sua filosofia de vida. Agregar universalmente e de forma equânime cidadãos na saúde, fala sim de uma construção coletiva.

É assim a Saúde Mental Coletiva, a formação em serviço, que possibilita uma imensidão de modos, formas, linhas, itinerários, trajetórias de constituir enquanto trabalhador no SUS e na Saúde Mental. É desta lógica de trabalho e de aprendizagem que trato neste trabalho. Dos encontros com força UBUNTU, que foram trilhas dos meus caminhos, que narro.

Neste sentido, Ramose (2010, p.9) destaca que UBUNTU pode ser compreendido como “a filosofia do ‘Nós’”, manifestando princípios da partilha, da preocupação e do cuidado mútuo, assim como da solidariedade. O autor descreve ainda que:

A concepção UBUNTU do direito é parte integrante da filosofia do “Nós” que define a comunidade como uma entidade dinâmica com três esferas, a saber: a dos vivos, a dos mortos-vivos (“ancestrais”) e a dos ainda não nascidos. A justiça é a efetivação e a preservação de relações harmoniosas em todas as três esferas da comunidade, e o direito é o instrumento para alcançar esse fim.

2. Caminhos percorridos como cartógrafa

Na produção das narrativas acerca dos processos vivenciados na residência utilizei-me do método cartográfico para tramar os movimentos da formação em relação às experiências com a temática étnico-racial na educação e na saúde. Em meio a este percurso, como cartógrafa, não exatamente fazendo uso metodológico linear da cartografia, mas com uso dispositivo e disparador, fui traçadas linhas dos ângulos do percurso, entre os campos percorridos, narrando transformações, percepções, sensações, sentimentos e desejos. Trouxe para este texto final da Residência o que foi registrado e vivido no processo da formação em serviço.

Na vida, no ser e se fazer Residente, a escrita de meus diários de campo e as produções de narrativas foram cotidianas. Mergulhei e obtive inspiração em poesias, em textos e em músicas. Produzi registros da vida real em forma de construção e desconstrução, bem como do ser e se fazer Residente.

Estes escritos são a vida que pulsa sendo narrada e se fazendo narrativa. Sobre o trabalho, como retratos em constante movimento, como o processo de descobrimento de diferentes horizontes na formação em serviço.

Cartografar é desenhar, tramar movimentações em acoplamentos entre mar e navegador, compondo multiplicidades e diferenciações. Ao mesmo tempo, sustentar uma postura ético-estética de acolher a vida em seus movimentos de expansão segundo implicações políticas do tempo, do perspectivismo, da contingências e da invenção (KIRST et al 2003, p.91).

Da multiplicidade de experiências que se entrelaçam neste trabalho as relações étnico-raciais estão na ordem da paixão despertada nos caminhos na Residência. Sobre as relações étnico-raciais é que conto neste texto, mas muito mais sobre em quais lugares este

tema tomou força e me capturou. Conto mais sobre em quais campos a negritude se mostrou e como me envolvi com ela, pela amorosidade, pelas sensações, pela afirmação da cultura exaltante do negro.

Com este sentimento e com forte desejo os campos da Residência e as vivências de trabalho nestes locais vão se misturando e colocando em destaque o tema aqui narrado poético-amorosamente. Narrativas cartografadas. Versam sobre as diferentes possibilidades de formação em saúde mental coletiva, envolvem o trabalho com a educação e a saúde, conectado com as relações étnico-raciais.

No método cartográfico é descrito a relação de um conjunto de saberes, onde o cartógrafo pode narrar múltiplos campos que se sobrepõem e que se atravessam no seu trabalho, abrindo caminhos e fluxos (COSTA, 2014). Cartografar é estar em ato, fazer uso da multiplicidade, do inesperado que vem no ritmo dos territórios de vida em constante movimento. Ao longo das páginas que segue mostro as minhas velocidades, os ritmos, os encontros e campos que percorri cartograficamente.

3. Narrativas poético-amorosas

“E quando me vi, Educação e Inclusão, olha eu todinha aqui”

[do meu diário de campo, 2013]

3.1. Dos encontros com a poesia na construção das relações étnico-raciais na educação

Roteiro - Oliveira Silveira

*Que eu não passe
como água corrente*

*Que eu não passe
como o vento leve*

*Mas que eu passe
como a asa nesse vento,
deixando ao menos plumas nesse vento*

Recebida de braços abertos pelo coletivo do EducaSaúde, com um tantinho de atraso, lá fui “itinerar”. A escolha dos campos era de deixar o coração pulando pela boca. Pensar novos espaços, colegas, formação, seguir a discussão das relações étnico-raciais, tudo ao mesmo tempo vinha na minha cabeça e no meu coração. Novo Hamburgo me acolheu com abraços fortes e sorrisos largos. Eu que já tinha colocado um pé na Educação resolvi mergulhar. Escolha feita! Setor de Inclusão e Diversidade da Secretaria Municipal de Novo Hamburgo/RS, corre que lá vem o trem, e depois o ônibus, e de lá para o bar e, ainda assim, há muito do que pensar e trabalhar.

“Olha o Mar!”

[do meu diário de campo, 2013]

Eduardo Galeano

"Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovakloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o Sul. Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando. Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza. E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai: - Pai, me ensina a olhar!"

Do infinito, para os planos e ações. O plano é marcado pelos encontros, com as colegas residentes do segundo ano Júlia e a Ana Maria e com as trabalhadoras, a Leira e a Anna Letícia. Nesta construção tive a oportunidade de ver despertar em mim a arte, por meio das poesias e da invenção. Coloquei-me de forma coletiva com a equipe e com as outras residentes do campo a construir um plano de ação. A temática das relações étnico-raciais, ali, pronta para ser explorada sobre o olhar da saúde mental coletiva e da educação. Vi misturadas as minhas vivências da graduação, na discussão sobre a Lei Federal 10.639/2010¹, e um encantamento contagiante a partir das histórias contadas pela Leira e pela Júlia sobre um quilombo a ser descoberto. Quinze quilômetros Lomba Grande, região do interior do município de Novo Hamburgo, onde o setor de inclusão realiza assessoria em diferentes escolas municipais. Aqui mergulhei mais fundo.

Preceptorias, poesias, infância, invenção, inclusão. Nestas linhas é que construímos um plano de ação. Mas faltava alguma coisa para formação tomar corpo, o trabalho fazer sentido e ligar os caminhos que se cruzam entre saúde mental coletiva, inclusão, educação, relações étnico-raciais e infância. Algo mais artístico! Mais inventivo. Usar a arte? Mas foi a única disciplina que tive exame em toda vida. Eu sou enfermeira! Desenho só bonecos de palitos! Confesso que pensei em tudo isso, mas mais uma vez mergulhei. Cada vez mais fundo, mais entregue, mais UBUNTU.

¹ Por meio de uma série de lutas e reivindicações, em especial articuladas pelo Movimento Negro, observa-se a necessidade de construir através da escola uma fonte de resistência às práticas discriminatórias, além de resgatar a história negra e abrir espaço para a discussão das relações raciais no Brasil. Para isso, foi promulgada a Lei Federal nº10.639/03 que estabelece a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-Brasileiras e Africanas nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares (SÁ OLIVEIRA; CUNHA JUNIOR, 2012).

Dos encantamentos produzidos pelos nossos contatos com a escola Conde d'Eu e a comunidade no distrito de Lomba Grande de tanto mergulhar comecei a enxergar caminhos, trilhas itinerários para minha formação. Sentindo encher de saúde mental coletiva a educação. Com ajuda das diversas formas de invenção delimiti uma proposta de trabalho e assim veio a construção do: Projeto do Sarau da Cultura Afro-Brasileira.

O projeto do Sarau da Cultura Afro-Brasileira que iniciou com encontros, entre residentes, comunidade e escola Conde d'Eu foi de grande importância para meu trabalho e minha formação e por isto faz tanto sentido colocar em destaque neste trabalho. Os desafios iniciaram pela produção do inventivo em mim, para posteriormente conseguir trabalhar com a escola, para a comunidade escolar embarcar nas marés do projeto do Sarau.

Desta vez queríamos falar de outros modos sobre o negro, sobre a contribuição do negro no Brasil; acerca da África; da Cultura Afro-Brasileira ou Africana; sobre o racismo; a discriminação racial; entre outros temas importantes para a afirmação da negritude.

Poesia! Quem sabe um Sarau? Danças, músicas, histórias, comidas... Começamos a semear as sementes que já tinham sido plantadas com a ajuda da residente Júlia nas assessorias a escola.

Deste percurso trago algumas narrativas que fui registrando em meu diário de campo, com reflexões desta vivência que marca a potência do meu fazer no trabalho, como a potência das relações étnico-raciais, da educação e da saúde mental coletiva:

“Tenho estado muito feliz com este trabalho e aprendendo a cada dia muitas questões relacionadas à minha formação na área da saúde e a interlocução com a educação. Outra questão que me convoca bastante é a importância de trabalharmos com a arte e com a cultura do povo negro como forma de combate do racismo e discriminação racial. Feliz de poder contar na escola que temos manifestações artísticas do continente que é berço da humanidade, que o povo negro contribuiu imensamente para a construção deste país e que suas manifestações artísticas e culturais estão impregnadas no nosso modo de viver, o que me motiva a cada dia neste trabalho”.

Dos momentos de construção e realização do Sarau? Tenho retratos guardados na memória e escritos em diário de campo. Para mim, foram como poesias essas lembranças.

Talvez por ter muita poesia nesses escritos? Forma bonita de refletir, aprender, lembrar, seguir, lutar. Destes retratos, que consegui nesta formação em saúde mental coletiva, é que construo minha formação de trabalhadora do SUS e de ser humano. Filosofia de vida UBUNTU. Trilhando na coletividade os processos de construção do amor à cultura negra, à exaltação . Vida pautada na filosofia africana, que a escola e a saúde constroem e às vezes não conseguem visualizar o quanto tem de força. Com as invenções do Sarau vêm também os escritos e nele trago os seguintes pensamentos:

“O trabalho na diversidade étnico racial me move muito enquanto cidadã na busca de um país mais justo, como militante do Movimento Social Negro e como trabalhadora do SUS seguindo seus princípios. Na realização do Sarau, que fiz junto com as colegas na educação, consegui ver a saúde mental coletiva por meio da arte, conseguindo promover aos sujeitos envolvidos transformação nos modos de viver, de seus projetos de vida, de se colocarem na sociedade enquanto sujeitos políticos conscientes da necessidade do fim das mazelas raciais deste país.”

Treze de maio - Oliveira Silveira

*Treze de maio traição,
liberdade sem asas
e fome sem pão*

*Liberdade de asas quebradas
como este verso*

*Liberdade asa sem corpo
sufoca no ar
se afoga no mar*

*Treze de maio – já dia 14
o Y da encruzilhada:
a seguir
banzar
voltar?*

*Treze de maio- já dia 14
A resposta gritante:
Pedir
Servir
Calar.*

Os brancos não fizeram mais

Que meia obrigação

Dos encontros, para a construção deste projeto, com a Escola Conde d'Eu que foi a primeira escola, devido a particularidades que estavam sendo desvendadas pela Júlia e Leira, antes mesmo da minha entrada no campo. O desafio de fazer o Sarau nesta escola parecia ser grande, mas como não tentar quebrar barreiras como as manicomiais em uma escola que tem como nome um dos maiores torturadores de negros escravizados? A escola fica em território da Lomba Grande, em Novo Hamburgo, local que é chamado de Quilombo. Claro que seria esse o ponto disparador de nossa proposta de iniciar o Sarau, havia também a oportunidade de conhecer mais este território, as pessoas e as histórias de vida.

Nas buscas de desvendar histórias de vida, embarcamos em territórios de vidas. Falar sobre a vida, sobre ser negro em Novo Hamburgo e o porquê deste espaço geográfico ter o nome Quilombo. Ou seja, um local importante na história da região, do município, uma representação de resistência do povo negro. Porém, foi permeado por muitos momentos de silêncio em relação ao povo negro. Em um diário chamado “Além do Silêncio” trago o seguinte escrito:

“De todos os dias que temos buscado pesquisar sobre o território chamado de quilombo na Lomba Grande, temos um silêncio que antecede toda e qualquer fala que irá nos dizer que não sabe muito ou quase nada sobre este local. Identifica-se entre as famílias negras da comunidade que estas falas se reproduzem e o reconhecimento deste local como espaço de resistência do povo negro escravizado não faz parte da história”.

“Um quilombo de loiros... As pessoas que dizem realmente saber um pouco da história deste território são brancas, loiras de descendência alemã, contraditório não, para mim vai além do silêncio, representa o apagamento e branqueamento da história, da verdadeira história deste pequeno espaço de terra que conta um pouquinho da nossa cultura no estado do Rio Grande do Sul e do Brasil”.

No decorrer da organização do Sarau, foram alguns encontros com a escola, reuniões de equipe, produções propostas pelas professoras, incentivo a iniciar o trabalho com os alunos, datas marcadas e desmarcadas. Desistir, pensar UBUNTU. Foi uma trajetória de muito aprendizado a construção do “Sarau da Cultura Afro-Brasileira”. Pensar as relações étnico-raciais e saúde mental coletiva é ao mesmo tempo trilhar um caminho e

seguí-lo. Não temos modelo, temos invenção, inovação, coração, brilho no olho, amor, acreditar.

Tocando em frente - Almir Sater

*É preciso amor
pra poder pular é
preciso paz pra
poder sorrir
é preciso a chuva
para florir*

Um dos trabalhos mais marcantes deste Sarau na Escola Conde d'Eu foi à criação da Boneca Bitol. Foi proposta por uma das professoras que sua turma faria uma contação de histórias no dia do Sarau. Nós ficamos com a incumbência de fazer a boneca de pano.. Dar vida ao pano foi o mais interessante. Entre moldes feitos pela minha colega Residente Ana Maria, corte e costura feito pela turma que contaria a história e arremates e decoração feitos em conjunto com a Oficina de Geração de Renda. UBUNTU. Vida no pano e na história da menina negra com lindas tranças, coletividade de construção e de fazer onde a apresentação dos alunos foi linda porque todos nós fomos um pouco de vida para o pano.

Não foi fácil a realização do Sarau nesta escola, mas algo sempre estava latente dizendo que ia dar certo e que íamos conseguir um belo trabalho. Um pouco desta vivência trago em meu diário de campo intitulado “Das potências e das belezas” nas seguintes palavras:

“Nesta trajetória da residência no setor da educação inclusiva e diversidade tenho agregado ao meu aprendizado as potências e as belezas. Que felizarda eu sou de estar trabalhando com o que me convoca e me faz baixinho gritar estou muito feliz!! Estas últimas semanas de trabalho tiveram altos e baixos, as combinações voláteis na escola Conde d'Eu, o desmarcar o Sarau para uma próxima data, as dificuldades com algumas colegas da Residência que estão saindo do campo, enfim, nada que não tenha remédio, mas situações em que devemos recuar e lembrar que quem anda devagar mas sabe o que quer vai chegar longe”.

Hoje reconheço que neste trabalho trilhamos um caminho que perpassou pela filosofia UBUNTU, onde todo o processo do Sarau foi feito coletivamente entre

professores e alunos, alunos e residentes, setor da inclusão e diversidade e residentes, escola e residentes e até mesmo outros campos e eu. Além disso, a potência da infância veio sempre juto, colada na possibilidade de que tudo seria lindo e muito cheio de surpresa e para acompanhar estava a discussão da verdadeira história e cultura Afro-Brasileira e Africana borrando ensaios de pensar também saúde mental coletiva e racismo e o que isso tem a ver com a infância.

A escolha da poesia para falar de negritude e subjetivação na infância dos negros e negras veio com a construção do Sarau, mas também deste percurso formativo que fui experienciando no setor da Inclusão e Diversidade e no Programa de Residência. É muito UBUNTU. A cada dia de trabalho sentia que podia contar com estas pessoas, que tudo estava navegando em ventos fortes e calmaria e eu não estava sozinha. Eu era porque todos éramos. E para terminar falando de poesias trago uma poesia de Oliveira Silveira que, em minha opinião, vai muito ao encontro da nossa proposta e do objetivo do Sarau.

Cabelos que negros -Oliveira Silveira

Sou negra do cabelo carapinha

Engruvinhado de molinha

Cabelo puro que dizem que é duro

Cabelo belo que eu não corto a zero

Não nego nem anulo

Assumo assino o pixaim

Cabelo Bom que dizem que é ruim

Mas que normal ao natural

fica bem em mim!

Porque eu quero

Porque eu gosto

Porque sim!

Porque eu sou pessoa

Porque sou pessoa negra

E quero ser mais eu ser mais assim

Ser mais neguim!

3.2. Formação em saúde mental coletiva e o diálogo intersetorial com a educação: discutindo as relações étnico-raciais

Quanto a minha formação profissional em saúde mental coletiva e esta vivência do Sarau, tive muitos ganhos. Trabalhar de forma interdisciplinar, intersetorial, dialogar com políticas públicas que se interpõem, pensar em encher a educação de saúde mental coletiva, refletir sobre saúde mental e as relações étnico-raciais, fazer arte, ser arte, estar em estado de arte, lutar pelo fim dos manicômios e do racismo, e muitas outras coisas. Falo de tudo e não caberia aqui, mas é porque sinto que de fato nesta Residência, com essas experiências, tive uma formação que ultrapassou muitos portões, pela aprendizagem na vida e em serviço.

Em relação a esta formação proporcionar um trabalho não somente com a rede de saúde, mas de modo intersetorial, ressalta-se os escritos do relatório da IV Conferência Nacional de Saúde Mental (2010). A convocação da intersetorialidade, de fato, foi um avanço radical em relação às conferências anteriores. Atende às exigências reais e concretas da mudança do modelo de atenção, trazendo para todos, com suas complexidades e pluralidade, as necessidades em saúde mental e a construção de estratégias inovadoras e intersetoriais de cuidado.

Em diário de campo registro um pouco dos pensamentos desta formação. Com título “Pensando no trabalho” trago reflexões dos movimentos que esta formação promove em mim, construindo linhas de sentido no fazer de uma enfermeira em residência de saúde mental coletiva com campo na Educação:

“Hoje venho compartilhar meus pensamentos sobre o trabalho que tenho vivenciado enquanto residente de saúde mental coletiva no setor inclusão e diversidade. Esta reflexão eu faço muitas vezes durante o trabalho, para me sentir enquanto profissional em formação, para encontrar os caminhos desta formação e principalmente para avaliar o quanto contribuo na realização deste trabalho. Muitas vezes na tutoria ou conversa com as colegas do setor as reflexões vem à tona e com elas o imenso aprendizado de vida e

profissional. Mas agora quero falar de como estou pensando este trabalho assim, pela escrita, poesia, fragmentos de textos, citações.”

Como dizia o poeta - Vinicius de Moraes

*Quem já passou
Por esta vida e não viveu
Pode ser mais, mas sabe menos do que eu
Porque a vida só se dá
Pra quem se deu
Pra quem amou pra quem chorou
Pra quem sofreu, ai [...]*

Sendo a residência uma modalidade de pós-graduação em serviço, que proporciona formação para trabalhadores do SUS de modo multiprofissional e interdisciplinar, buscando a constante invenção dos fazeres no trabalho vistas a qualificação deste sistema, Silva e Cabalero (2010, p. 67) destacam que: “pensar a dimensão pedagógica do trabalho torna-se relevante para a invenção de processos desterritorializantes, que produzam singularidades (e subjetividades) de maneira ética e política, com um cuidado que afirme, amplie e produza a vida”.

“Sarau e Saúde mental, rima no final, mas e a coletiva!”

Segundo o conceito de Fagundes (2006, p.54) o “processo construtor de sujeitos sociais desencadeadores de transformações nos modos de pensar, sentir e fazer política, ciência e gestão no cotidiano nas estruturas de mediação da sociedade, extinguindo e substituindo as práticas tradicionais por outras capazes de contribuir para criação de projetos de vida”. E então onde se encaixa o Sarau? Não ele não se encaixa, está na arte e na vida, sem formatos.

O Sarau aconteceu conforme as produções de vida e arte, de modo coletivo: no espaço da sala de aula; das invenções de professores e alunos; das conversas no recreio; das assessorias com a Leira; da vontade de não ser racista que cada um de nós tem; do pensamento dos coletivos de trabalhadoras e residentes do setor da inclusão e diversidade;

do desejo de subjetivar de outros modos crianças e adultos; do desejo de subjetivar de outros modos crianças e adultos negros deste país.

E os projetos de vida podem ser trabalhados, afinal, queremos uma sociedade diferente? Para isso a sociedade não pode ser racista. E pensar o uso do Sarau como modo de transformar este modelo hegemônico de discriminação vigente era também desmanchar manicômios. Coletividade e vida, pensar, sentir e agir de modo diferente com os diferentes, usando da poesia, da dança, da música e potência de criação dos sujeitos envolvidos.

Mas e a saúde mental coletiva e as relações étnico-raciais? Esta pergunta ainda persiste e não será nesta formação que vou responder, ou melhor nunca vou responder vou tentar fazer. Levar esta discussão para a escola, para o posto de saúde, para o Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), para a universidade, para a gestão, para os colegas, para a enfermagem, para todos e todas. Pensar, discutir e agir sobre o que convoca o racismo na saúde mental da sociedade é para mim exercitar a cidadania, pensar que falamos de saúde de um sociedade que está subjetivada a anos pelo mal social chamado racismo.

De muito caminhar por jardins como o setor da inclusão plantando a sementinha das reflexões sobre a educação e a produção de saúde em espaço formais ou não formais, focando mais ainda para saúde mental coletiva, vou colhendo flores para enfeitar meus caminhos. Assim como rosas que são belas e também tem espinhos é discutir a subjetivação social do racismo e o que nós trabalhadores do SUS podemos fazer. Construir um Sarau fazer uso de poesias, dança e diferentes produções artísticas dar mais leveza para pautar esta discussão, e, assim, poder logo enxergar as flores das sementes plantadas. Desta trajetória no jardim florido da inclusão com dias de sol e também de chuva tenho escritos em diário de campo com os seguintes pensamentos:

“Sobre meu percurso no setor inclusão e diversidade na minha opinião tenho ultrapassado as barreiras do aprendizado profissional tendo em vista o imenso aprendizado enquanto ser humano que tenho tido. Devo agradecer a toda equipe pelo comprometimento com a formação das residentes e por todo apoio pedagógico que tem nos dado. Sinto-me privilegiada por estar nesta formação e espero estar contribuindo com este serviço no qual a equipe mostra-se constantemente resiliente”.

Ao fim um Provérbio Africano:

“Não importa quanto longa seja a noite, o dia virá certamente”.

Para finalizar este capítulo que possibilita narrar parte das experiências que tive na Residência é importante ressaltar quanto os passos que parecem pequenos em uma imensidão de fazeres na Saúde e na Educação foram importantes para minha compreensão do trabalho no SUS, objetivo central desta proposta de pós-graduação em serviço.

Paulo Leminski

Nada foi

feito o sonhado

mas foi bem vindo

feito tudo

fosse lindo

3.3. Grupo Interdisciplinar: clínica ampliada no fazer e cuidar na educação

O Setor Inclusão e Diversidade trouxe para cada dia no campo uma descoberta, de vida e de um novo fazer na educação, contando com ferramentas e dispositivos que trago da saúde. A interdisciplinaridade é algo bem discutido conceitualmente na área da saúde e também faz parte da proposta da Residência, mas o convite a fazer um grupo interdisciplinar na escola, com alunos da inclusão, ainda não tinha ouvido falar e fiquei muito empolgada para começar.

Na Escola Conde d’Eu, não por coincidência, tinha um menino negro que era o reclame da coordenadora toda vez que conversávamos. Já que estávamos por lá,

construindo o Sarau e falando sobre a diversidade étnico-racial, porque não acompanhar o belo sorriso do Akins² ?

Muitas conversas, algumas poesias, preceptorias, mais um sorriso a cada manhã com a Simone Borges e lá fomos nós novamente rumo a Lomba Grande. Fomos fazer as primeiras combinações com a coordenação da escola e conhecer a professora que acompanha Akins na sala de recurso e que iria fazer comigo um grupo. A proposta do grupo já acontecia por iniciativa e incentivo das trabalhadoras da inclusão, porém em outras escolas, e eu estava ansiosa para iniciar. Tinha no horizonte mais que a inclusão, enxergava a saúde mental coletiva construindo modos de fazer educação na inclusão e dialogando com a necessidade do olhar para as relações étnico-raciais.

Em registros sobre os primeiros dias do grupo tenho um escrito, que ainda sem título, demonstrando as sensações, marcava a minha necessidade de registrar e refletir sobre algo que já estava transbordando lá no início das ações no campo. Com percepções, encantamentos e sentimentos de ser Residente, naquele momento, dizia assim:

“A visita realizada na escola para ser feita as combinações do acompanhamento da turma e de forma mais específica do aluno Akins foi bem proveitosa, ou melhor, bem mais interação do que imaginava. Eu e a Simone Borges fomos bem acolhidas pela coordenação e professora da turma, além, claro, de recebermos muito carinho das crianças. Já estava ansiosa para começar esta atividade e muito mais para conversar com o Akins, então minhas expectativas foram além do que previa, pois no curto espaço de tempo que estive com a turma consegui interagir com Akins, até mesmo trocar algumas palavras e ele também não chorou em nenhum momento. O espaço de sala de aula me faz muito bem, logo me senti a vontade e já tive muitas ideias e percepções”.

“Para finalizar este dia que foi muito lindo e cheio de novas ideias de meu trabalho na inclusão de diversidades no espaço escolar, penso de como me sinto bem enquanto profissional e residente de saúde mental coletiva, que este é meu lugar de atuação e que mil possibilidades de se fazer saúde podem ser produzidas neste espaço (escola, Educação). Não deixo também de lado meus caros conceitos e reflexões de saúde mental que embasam minhas práticas, identificando no início deste acompanhamento do Akins o

² O nome escolhido é fictício para preservar a identidade do aluno acompanhado. Akins é um nome de origem Africana, origem Ioruba na África Ocidental e significa “Menino Valente”.

quanto trabalhamos na perspectiva da clínica ampliada com as singularidades de cada sujeito correspondendo à atenção psicossocial e promoção da saúde mental que é feita de várias mãos, contemplando a interdisciplinaridade”.

Na perspectiva deste fazer é que visualizei o conceito e a aplicação da Clínica Ampliada e da Reforma Psiquiátrica. Para mim tudo estava se encaixando e fazia muito sentido, desconstruir manicômios mentais, começando pelos julgamentos prévios sobre a aprendizagem de um aluno:

- *ele aprende ou não*
- *por isto tem um lugar de exclusão*
- *porque é negro*
- *e vem de uma família que não aprende*
- *não toma banho*
- *não sabe ler*
- *não, não, não!*

[do meu diário de campo, 2013]

E nas minhas reflexões cotidianas e registros do diário de campo trago questões relacionadas a esses pré-julgamentos ou preconceito:

“Nesta trilha do percurso do Akins , da qual estou fazendo parte, meu trabalho de residente de saúde mental coletiva tem me remetido muito a pensar no trabalho interdisciplinar e inovador de formação que estou tendo. A primeira questão que me remeti nestes últimos grupos foi pensar a Clínica Ampliada ao pensar um trabalho voltado para a singularidade do sujeito, longitudinalmente, que contempla os diferentes saberes e instrumentos de vida”.

Utiliza-se o conceito da Clínica Ampliada (BRASIL, 2012) por tais práticas constituírem-se em ferramentas de articulação e inclusão de diferentes saberes no cuidado. Possibilitando assim construir processos de cuidado em saúde compartilhados coletivamente, centrados no andar da vida dos sujeitos. A Clínica Ampliada busca construir sínteses singulares, tencionando os limites de cada matriz disciplinar. Ela coloca em

primeiro plano a situação real do trabalho em saúde, vivida a cada instante por sujeitos reais.

Quanto aos referenciais teóricos e práticos da Reforma Psiquiátrica³, e a relação com este trabalho, visualizam-se os fazeres para além da necessidade de mudanças de espaço físico que possam receber crianças ou adultos em situação de exclusão. Não é suficiente criar espaços ou escolas de inclusão, assim como não é só fechar manicômios e abrir CAPS que se faz a Reforma.

Identifico que precisamos dar lugar na escola para as diferentes formas de aprendizagem e produção; é lugar social da loucura, é lugar social do aluno que não aprende, que não deve estar entre os outros considerados com sanidade, aprendentes e normais.

É por estas questões que este trabalho me proporcionou pensar na possibilidade de ampliar a Clínica, reformar modos de inclusão na Educação. A Clínica em ampliação permite um lugar para cada diferença, para todas as diferenças do espaço escolar, assim como potencializa a convivência das diferentes formas de aprender e produzir, também coloca os atores envolvidos em lugar de construção sobre a vida, sobre a humanidade.

Ouvi de muitos alunos na sala de aula a seguinte expressão de afirmação da aprendizagem, da vida, da humanidade, da amizade:

- Todo mundo pode fazer né, sora. Mas cada um de um jeito. Até o Akins!

Reconheço nessas falas o lugar social da diferença, da loucura, da negritude, do outro. Até o século XX não se pensava em políticas de enfrentamento do transtorno mental, e o cuidado se resumia à reclusão e ao isolamento social dos portadores de

³ Para Yasui (2006, p.93) a Reforma Psiquiátrica ao romper com a visão biológica reducionista e produzir uma desmontagem dos conceitos basilares da psiquiatria, ela propõe construir/tecer/inventar o seu campo teórico-conceitual estabelecendo um amplo, profundo e radical diálogo entre as diferentes disciplinas e conhecimentos que tratam do humano. Para além de uma reforma de serviços a Reforma Psiquiátrica tem como objetivo maior que a reorientação do modelo assistencial a transformação do lugar social da loucura (AMARANTE et al, 2012)

transtorno mental. Hoje o desafio é forjar na sociedade uma concepção distinta daquela concebida anteriormente, de uma loucura inaceitável, violenta e que agride a ordem social. Torna-se imprescindível dissociar a imagem de risco social que se fez do louco. (AMARANTE, 2007).

Manoel de Barros - Livro memórias inventadas a segunda infância

Eu tive uma namorada que via errado. O que ela via não era uma garça na beira do rio. O que ela via era um rio na beira de uma garça. Ela despraticava as normas. Dizia que seu avesso era mais visível do que um poste. Com ela as coisas tinham que mudar de comportamento. Aliás, a moça me contou uma vez que tinha encontros diários com as suas contradições. Acho que essa frequência nos desencontros ajudava o seu ver oblíquo. Falou por acréscimo que ela não contemplava as paisagens. Que eram as paisagens que a contemplavam. Chegou a ir no oculista. Não era um defeito físico falou o diagnóstico. Induziu que poderia ser uma disfunção da alma. Mas ela falou que a ciência não tem lógica. Porque viver não tem lógica - como diria nossa Lispector [...].

3.4. Contando uma história interdisciplinar na educação: formação em saúde mental coletiva

Manoel de Barros

“Tudo o que não invento é falso”

O trabalho iniciou pela escolha do nome do grupo junto com a turma. Akins ajudaria as “professoras” a organizar as sugestões de nomes no quadro e fazer a votação. Foram várias sugestões, mas a escolha foi: “Quinta-feira da Alegria” Neste dia elencamos as atividades que queríamos que estivesse na quinta-feira. E consegui conversar com a

professora da turma e a professora da sala de recursos que acompanhava o Akins sobre unir estas atividades propostas pelos alunos com as temáticas curriculares.

Beijos, abraços, o sorriso largo do Akins com sua timidez de muito poucas palavras, assim terminamos nosso primeiro dia. De Dani, para tia ou professora, e enfermeira? Dani-professora-enfermeira. Ou Residente? Vi neste dia o romper do disciplinar, o trabalho ser de educação e saúde e não com foco em transtorno, em doença, em deficiência, em dificuldade de aprendizagem, ou em currículo: mas em vida!

A escolha do nome do grupo foi algo muito interessante, pois além de um nome, tínhamos também que fazer a escolha das atividades que poderíamos fazer às quintas-feiras. Foi muito importante ver de onde partem os desejos de uma escola, de onde partem os desejos daqueles que estão na escola. Importante ver uma escola que propõe aos alunos a possibilidade de construir juntos os saberes. Em meu diário de campo registro o seguinte:

“Escrever sobre o grupo interdisciplinar agora ficou mais bonito como o título deste escrito, colorido e com muitas formas, pois a partir de hoje nosso grupo tem um nome, que foi escolhido pela turma e que tem tudo a ver com um de tantos sentimentos que tenho neste trabalho a ALEGRIA. “Quinta-feira da alegria” eis o nome! Esta proposta de trabalho me encantou logo que conheci a atividade, assim como o Akins, que me encantou com seu sorriso assim que tive o prazer de conhecê-lo”.

E a formação em saúde mental coletiva? Acredito que pensa as cidades e todos os outros espaços de vida, assim é que a gente faz saúde e assim contribui para a saúde mental. É o melhor campo para formação de trabalhadores do SUS – as cidades. Trabalhadores que estão em serviço, construindo redes, desconstruindo tramas de negação da vida, incluindo na escola, na interdisciplinaridade da saúde e da educação. A história interdisciplinar na educação honrou a “quinta-feira da alegria”, pois a cada tarde de atividades com a turma brotava mais alegria. Alegria advinda do nosso fazer como grupo, alegria dos alunos e a alegria do Akins .

Para além das alegrias e desejos neste trabalho foi muito importante para minha formação ver se materializar o trabalho interdisciplinar na educação. Foi leve e bonito, no final de cada tarde podíamos combinar a próxima semana com as ideias e saberes de cada

profissional dentro da proposta curricular daquela turma e do objetivo de potencializar o espaço da inclusão na escola com aprendizagem, sentido, alegria e produção de vida.

Ele corria pelos corredores quando eu chegava dizendo:

- “a prof^a, a sora chegou!!”

[do meu diário de campo, 2013]

Para além do pensar e fazer da formação profissional o grupo interdisciplinar foi produzindo um tanto de reflexões para a vida, para o ser humano que sou, que trabalha, estuda, namora, ama, sorri e chora, acreditando que tudo pode ser diferente. No diário chamado “O retrato da inclusão” tenho uma reflexão muito importante:

Eduardo Galeano

“Na parede de um botequim de Madri, um cartaz avisa: Proibido cantar. Na parede do aeroporto do Rio de Janeiro, um aviso informa: É proibido brincar com os carrinhos porta-bagagem. Ou seja: Ainda existe gente que canta, ainda existe gente que brinca”.

“Nesta trajetória que venho caminhando a passos curtos e cautelosos no trabalho com o Akins e sua turma, no grupo interdisciplinar, encontro com professoras como a Fernanda e a Simone que vão ao encontro do Galeno diz: “Ainda existe gente que canta, ainda existe gente que brinca”. Ainda temos trabalhadoras da educação que enxergam o verdadeiro retrato da inclusão que buscamos ver no dia a dia nas escolas. Cantar, dançar, brincar, aprender, a ordem não importa o que sim precisamos é dar o olhar e acreditar nas possibilidades dos sujeitos. Estes meus escritos vem na busca do meu aprendizado também a conseguir olhar, e dar o olhar, a escuta e dar lugar para todas as invenções que possibilitam vida a todos os sujeitos. Na escola Conde d’Eu hoje vejo outro retrato da inclusão. Temos lá brilho no olhar, risadas, afetos, música, vida, e um caminho cheio de desafios e possibilidades para continuar”.

Das leituras que fazia pela busca do meu lugar na saúde mental coletiva, na formação em serviço, e que levava para a discussão nas preceptorias, comecei a perceber o grupo no qual eu estava percorrendo meu caminho, percebi também as aprendizagens no trabalho na educação. Fazer as conexões entre a inclusão e a Reforma Psiquiátrica, pensar o processo de fechamento dos manicômios na educação está muito ligado ao trabalho e formação em saúde mental coletiva. Voltar o olhar para o outro, dar lugar a emergência do

sujeito em sua singularidade, possibilitar todos os modos de aprender, para quê aprender e o que a aprender. Quando iniciei o grupo interdisciplinar pensava o quanto a educação precisa se encher de saúde mental coletiva, e com o decorrer do grupo e hoje escrevendo meu TCR, vejo o quando de tarde em tarde fui plantando sementinhas e também colhendo frutos para minha vida e formação. Há a necessidade de um misturar com o outro, há a necessidade de comunicação e contaminação da saúde pela educação e da educação pela saúde.

E falando de formação e interdisciplinaridade, tenho registros de um diário chamado “A interdisciplinaridade no grupo”, que conta algo da minha formação bem assim:

*“O grupo interdisciplinar **Quinta-feira da Alegria** tem sido maravilhoso, o sorriso do Akins virou gargalhada no dia do piquenique, e as experimentações dele no grupo de colegas e sozinho tem demonstrado o quanto ele está cada dia garantindo ter a aposta nele enquanto aluno, sujeito, cidadão. Mas uma coisa que tem me tocado neste fazer de residente além de todas as vivências e apostas diretas com o Akins tem sido a interdisciplinaridade no grupo, ou seja, como “estou” enfermeira, residente de saúde mental coletiva compondo este grupo interdisciplinar”.*

“Me dou conta escrevendo agora que na apresentação não disse para os alunos que sou enfermeira. Falei que vinha do setor da Inclusão e Diversidade da Secretaria de educação e fiquei sendo a prof. Dani da quinta-feira da alegria. Lugar este de prof. que não tenho renegado em nenhum momento e que sinto estar caindo bem na desconstrução de muitas práticas duras da enfermagem que adquiri mesmo sem querer na formação. Outra questão importante é o fazer interdisciplinar das atividade, o quanto elas são pensadas por nós três juntas, combinações, reflexões sobre a atividade, organização de tempo na sala de aula para nossa atividade, e principalmente a oportunidade de aprendizado que tenho trabalhando com estas ótimas professoras”.

José Saramago - “Alegria”

*Já ouço gritos ao longe
Já diz a voz do amor
A alegria do corpo
O esquecimento da dor*

*Já os ventos recolheram
Já o verão se nos oferece*

*Quantos frutos quantas fontes
Mais o sol que nos aquece*

*Já colho jasmims e nardos
Já tenho colares de rosas
E danço no meio da estrada
As danças prodigiosas*

*Já os sorrisos se dão
Já se dão as voltas todas
Ó certeza das certezas
Ó alegria das bodas*

3.5. Modos de Cuidar e o Acompanhamento Terapêutico (AT): educação, inclusão e a potência das infâncias

Se o Akins corria para me abraçar e avisava em alto e bom tom que eu estava chegando, para mim isto era reflexo da potência dada a ele com o meu olhar, pois semanalmente estava na escola por sua causa. Além de mim a professora da sala de recursos, que também se deslocava de outra escola no turno da tarde, ia para a escola do Léo para fazermos juntas a nossa atividade. Pouco a pouco Akins foi alcançando um outro lugar na turma, com as professoras, com cada colega e estávamos, a meu ver, no caminho da afirmação da verdadeira inclusão. Aquela inclusão, que está na proposição das Políticas de Educação quanto na Proposta de Reforma psiquiátrica, que dá oportunidade a outros modos de fazer, de ler, de pintar, de dançar e, principalmente neste caso deste menino, de viver.

Estar semanalmente na escola fazendo o grupo, com diferentes ideias, com muitas atividades e os belos sorrisos do Akins, era como se pautássemos a potência de vida assinalada pela inclusão, pela diversidade do espaço social da escola, desmistificando as ideias e os preconceitos étnico-raciais que estavam ali.

O olhar, o sorriso, o abraço e o beijo recebido do Akins, demonstraram como investir o olhar, investir nos modos de olhar e ver o outro faz a inclusão acontecer nos sentidos, nas sensações, nas vidas.

Enquanto escrevia em meus diários de campo e pensava sobre o trabalho sendo realizado lembrava-me das aulas com a professora Analice Palombini sobre Acompanhante Terapêutico⁴. Nas aulas ela dialogava sobre um modo de cuidar AT. Nestes pensamentos e escritos eu me desenhei com as professoras do grupo, a partir desse modo de cuidar, direcionado tanto ao Akins quanto a sua turma. No modo de cuidar AT, de acompanhar, de construir juntos, de ir e vir no processo de encontro das melhores formas para a vida, no modo de cuidar o caminhar singular, eu percebia nosso trabalho no grupo interdisciplinar sendo efetivado. Nesta perspectiva registro em diário os seguintes “pensares”:

“O trabalho proposto com a turma tem sido ótimo, pelo envolvimento dos alunos em todas as propostas que levamos, considerando que não somente o Akins se beneficia do grupo, mas também vários colegas da turma. Tenho pensado muito também na minha relação com o Akins, pois seu sorriso com minha chegada e o olhar atento aos meus movimentos demonstram um laço tão importante que fico muito sensibilizada. Esta criança tão especial, com seu modo bem singular de ser sorriso, demonstra um vínculo comigo que me proporciona imenso aprendizado na vida”.

Tínhamos na turma em torno de doze crianças entre sete e nove anos. Infâncias sendo desabrochadas na escola pelo caminho da inclusão, da proposta de fazer com o outro, ajudar o colega, pintar em dupla, ouvir histórias e fazer teatro em grupo, plantar girassóis, fazer piquenique, correr, subir em árvores, pular corda, fazer do pátio da escola mais e mais terreno para as possibilidades de ser criança, de estar na infância e viver esta fase. A acolhida de uma AT para o Akins foi contagiante, todos os colegas queriam mostrar que podiam ajudá-lo e que ele podia fazer tudo, com um pouquinho de ajuda ele poderia participar com todos e de todas as propostas. Assim foram tardes e tardes deste modo de cuidar AT da infância na educação. Neste contexto no diário “A importância de um olhar” trago uma poesia seguida de uma reflexão, assim:

É preciso mudar - Renilde Cavalcante Alves

⁴ O acompanhamento terapêutico e seu exercício – que se dá entre lugares, entre o serviço e a rua, entre o quarto e a sala, fora de lugar, a céu aberto – presentifica uma exigência que a reforma psiquiátrica vem colocar aos seus profissionais, seja qual for o dispositivo em causa: o fato de que uma clínica a serviço dos processos de desinstitucionalização coloca em jogo a desinstitucionalização da clínica mesma.(PALOMBINI, 2006,p.117).

*É preciso mudar a educação.
É preciso mudar para formar “cidadão”
Mudar em benefício da nação,
Que sofre com a política, que gera exclusão!
É preciso mudar!*

“[...] a importância de termos dado um olhar ao Akins. Hoje ele está um serelepe, cheio de vida, aprendendo muito, mudando conceitos entre professores e colegas e fazendo importantes movimentos dentro da escola. É assim que acredito que devo seguir enquanto trabalhadora do SUS e de Saúde Mental Coletiva: dando importância ao olhar!”.

3.6. Infância negra e educação inclusiva: convocando um encontro com o outro

Canção do Ver - Manoel de Barros

*Por viver muitos anos dentro do mato
moda ave
O menino pegou um olhar de pássaro —
Contraíu visão fontana.
Por forma que ele enxergava as coisas
por igual
como os pássaros enxergam.
As coisas todas inominadas.
Água não era ainda a palavra água.
Pedra não era ainda a palavra pedra.
E tal.
As palavras eram livres de gramáticas e
podiam ficar em qualquer posição.
Por forma que o menino podia inaugurar.
Podia dar às pedras costumes de flor.
Podia dar ao gato formato de sol
E, se quisesse caber em uma abelha, era só abrir a palavra abelha*

Como contei anteriormente, meu encontro com o Akins foi marcado pelas discussões das relações étnico-raciais na escola, na educação comendo com a saúde mental coletiva, e neste contexto discutindo também a questão da inclusão. E como convocar este encontro em um período curto de atuação de Residente, com grupos semanais na escola permeados por milhões de temas interessantes sugeridos pelos alunos, professoras, pela escola com suas intensas programações? E mais ainda, como provocar este encontro no Setor Inclusão e Diversidade que contempla as duas questões em seu nome e em suas práticas na secretaria municipal de educação. Porém o Setor ainda não tinha chegado neste encontro com as relações étnico-raciais, dedicando-se mais à inclusão da pessoa com deficiência em seu percurso de equipe e não sei se chegaria ou deveria, mas eu estava bastante interessada em ampliar a discussão da temática étnico-racial na educação.

Sem certos ou errados, com bastante demanda de trabalho, correria, coisas belas acontecendo, e eu tentando participar de tudo, ao mesmo tempo eu não deixava de ir com poesias, com textos, ou com as conversas em preceptoria tentava sensibilizar o olhar para esta questão. Entre um Sarau e outro, pautando questões trazidas pela escola, lendo e relendo acerca das relações étnico-raciais, sobre o racismo e a discriminação racial, neste recorte da sociedade, na escola, me peguei cheia de perguntas para fazer ao Setor ou a quem estivesse de seguir as minhas investidas no tema.

Os diálogos forma aumentando na escola, e com meu diário de campo e em preceptorias fui rabiscando indagações, caminhos, e até questões que me vinham neste fazer cotidiano. Ouvia afirmações que desacomodavam e incomodavam pelo teor de descrédito e preconceito em relação ao Akins.

- *Quando o menino é negro e aluno de inclusão?*
- *Será que é porque ele é negro que não aprende?*
- *Alguém já fez essa pergunta?*
- *Na família dele todos são assim!*
- *Tu deverias pesquisar este caso, eles não aprendem!*
- *A mãe dele arrumou o cabelo, está todo trançado, mas não dá banho no menino!*
- *O importante é ele aprender a ir ao banheiro...*

- Ele não sabe, não aprende, ele não tem mochila, nem caderno.

Em um dos tantos “pensares” e escritos em diário de vida e campo, quando conheço a família do Léo em seu território de vida, trago os registros assim:

“Venho compondo meu trabalho e minha vida sobre militância das questões do povo negro, levando o debate do racismo e discriminação racial pelos espaços onde ando, com as pessoas que converso mas, principalmente no meu trabalho. Assim quando me deparo com a situação desta família não tenho como não me reportar aos pensamentos de discriminação sofridos pelos negros, falta de acesso a inúmeros direitos, falta de olhar da educação, falta de olhar dos serviços de saúde e de assistência social, mais do que de uma rede eu diria que tem também falta de uma comunidade que acolha como integrante desta comunidade”.

Por onde começar neste encontro? O que me convoca mais? Eu mesma fiquei por vezes me perguntando o que estaria encobrendo esta vida e suas potências? Com tantos não, a afirmação de sua incapacidade, com a falta de olhar e de aposta na vida. Sua cor ou seu rótulo de não aprendizagem? Seu rótulo por sua cor? Ou por não aprender como os demais alunos ele precisava de um rótulo?

Muitas vezes eu me perguntava e me perguntava sobre o acompanhamento do Akins , e com o tempo de trabalho, até mesmo após as férias, quando ainda fui fazer atividades na sua casa, é que percebi o quanto se pode com a força de investir nas potências das pessoas, emprestando o olhar atento, incentivador e amoroso ao professor e a toda escola. Pequeno o passo, mas importante para vencer preconceitos, para transpassar a discriminação racial e para enxergar que estamos em um caminho com algumas dúvidas, com muitas perguntas e sempre atrás da resposta, porém, antes de qualquer uma delas, dizer não à discriminação.

Talvez meu olhar tenha produzido o encontro da infância negra com a inclusão verdadeiramente, e isso não necessariamente tocou os coletivos em que estive inserida com a intensidade que escrevo e que estudo. Emprestando um olhar de possibilidades, afirmando a vida pela amorosidade, fugindo dos rótulos historicamente dados ao negro pela sociedade, sinto que a sementinha da inclusão foi plantada. O sorriso e a potência da infância podem regar todos os dias as práticas em sociedade até florescer a inclusão e os preconceitos desaparecerem.

Com tudo isso é que obtive a minha formação profissional, com a minha percepção sobre os fazeres em saúde mental coletiva totalmente ampliada a partir destas vivências.

3.6. Declare seu amor! Trabalho, formação, militância, gestão

De todos os desejos que brotavam para escolher como novo campo a Coordenação Estadual de Saúde da População Negra, o fio condutor foi o amor. Embora toda a afetividade que permeou e vazou durante o período de formação com o coletivo da residência, um novo olhar para o trabalho, uma formação que permitisse ser militante, tudo isso não teria me levado a trabalhar na esfera da gestão se ali eu não tivesse enxergado a sensibilidade da proposta de: “Declaração do seu amor”!

Neste lugar muitas vezes duro, de trabalho árduo, que é o da gestão de políticas públicas na saúde, somos chamados a declarar nosso amor, à nossa mãe, à avó, ao avô, à nossa ancestralidade. É nesta proposta sensível e singular para a necessidade da população negra brasileira que enxergo o meu lugar de Residente de saúde mental coletiva -- compondo o trabalho em equipe e fazendo aparecer o amor ao outro em mim indistintamente.

Todo este amor foi ampliado com a campanha pela autodeclaração de raça cor no SUS que diz: *Declare seu amor à sua mãe, avó, avô, pai ancestralidade. Declare sua raça/ cor. Ser negro e amar a si e aos seus ancestrais. Ser negro e declarar com positividade e amor. Ser negro e ter saúde mental suficientemente boa para desmistificar pelo amor o racismo.*

Visualizo meu lugar neste trabalho pela empatia com o tema das relações étnico-raciais, mas, sobretudo, pela reivindicação e formação de um SUS mais equânime, pelo trabalho de residente que permite o diálogo com movimentos sociais, em uma gestão que busque construir políticas públicas que volte o olhar da sociedade para o racismo, demonstrando que este é um problema nosso.

“Só com amor!” A camiseta da campanha pela autodeclaração, marca importante deste trabalho, demonstrava porque estávamos ali buscando que a população negra viesse a

ser vista no SUS. Ao vestir essa roupa de amor e se autodeclarando também estava se construindo como sujeito negro, reconhecendo que isso implica em uma posição política, mas é com amor, e, principalmente, é com respeito à ancestralidade que se combate o racismo. Pelo respeito à ancestralidade se fez quilombo inúmeras vezes, justamente pela luta contra o racismo e a valorização da vida e da cultura negra.

Fomos, como equipe, ao encontro de muitos sujeitos negros politicamente importantes na busca da consolidação desta política de saúde no estado do Rio Grande do Sul. Não teríamos como contar os quilômetros rodados, o que importa dizer é que foi sempre na perspectiva da declaração do amor ao negro e à negritude.

Negra Velha - Oliveira Silveira

*Negra velha muito preta
contando uma história bem longa
história de ser nossa avó
negra velha muito preta
cabelo muito branco
de lã
voz macia de lã
voz macia de avó
nossa avó
negra velha muito preta
bem preta
tão preta
que o fim da história se perdeu
fecha os olhos
procura
no escuro
no amor*

Eu vesti minha autodeclaração, e foi, sim, com amor! Com todas as dificuldades que poderia enfrentar neste lugar de trabalho, de formação, de militância, de gestão, procurei caminhar pelo rumo da amorosidade. Segui o fio condutor desta política no estado

e segui as curvas desta formação que vence obstáculos, que quer vencer pelo amor: os manicômios mentais, as discriminações da diferença, a infância medicalizada e o racismo naturalizado.

Foi com músicas e poesias que muitas vezes precisei recarregar as energias, as baterias, as pulsações, as sensações, para aprender a sensibilizar os corações, para escrever com mais suavidade e mesmo assim dizer o que é preciso. Que bom que nesta formação trabalhamos com o afeto, que bom que rimos e dançamos e, justamente assim é que trabalhamos, com o AMOR. Com amor à sensibilização das práticas em saúde feita através de uma política pública que quer a melhora do SUS e da saúde mental da população negra do país.

3.7. “SOU PORQUE NÓS SOMOS”: discutindo saúde mental e racismo

Dois Palavras - Oliveira Silveira

*Ébano
Palavra branca
Que exprime negro*

*Apartheid
Palavra dura
Que exprime cor*

Estar, como Residente, na Coordenação Estadual de Saúde da População Negra, provocou-me a disparar o diálogo entre esta política e a saúde mental. Para além da ênfase da formação na Residência, a transversalidade da Política de saúde da população negra é o fio condutor das ações e fazeres desta política na saúde.

Pelo desejo de deixar vir as conexões que eu produziria e pela sensibilidade da equipe, não tive nenhum empecilho em pautar esta questão como plano de ação para o

meu trabalho de residente naquele campo. Além disso, tive contribuições constantes e muitas ideias, tanto para construção do plano, como para a execução das ações previstas.

Durante o período de trabalho e formação tive uma infinidade de aprendizados, tanto em relação ao processo de trabalho na gestão, como em relação à saúde da população negra. Quanto a discussão “saúde mental e racismo” consegui aprofundar alguns conceitos e entendimentos que esta equipe trazia em relação à temática.

O trabalho pautado no plano de ação foi ocorrendo com os meses, fui desvendando interessantes experiências que discutiam o tema em questão em todo o estado do Rio Grande do Sul, de diferentes formas. E as questões teóricas levantadas e discutidas na equipe e em eventos promovidos pela Coordenação sobre o tema, por vezes, me assustavam pela complexidade, principalmente quando evoluíam a reflexão sobre saúde mental e racismo.

Em registros de diário de campo, trago reflexões da formação em serviço e também das discussões em seminários teóricos. Neste trecho trago questões sobre saúde mental a partir de leituras feitas nesses espaços de formação:

“Em um trecho do texto Pelbart (2002, p.33) diz: “a capacidade dos chamados 'excluídos' ou 'desfilhados' ou 'desconectados' de construírem territórios subjetivos a partir das próprias linhas de escape a que são impelidos, ou dos territórios de miséria a que foram relegados”. Me pego pensando muitas coisas, mas a mais latente é o intenso processo do branqueamento e de seguir o “modelo” branco de viver na nossa sociedade que o negro vive. Como a população negra se encontra neste processo, constantemente em linhas de escape para viver? E mais, o que isto tem a ver com saúde mental?”.

Em meio a muito trabalho e aprendizagens fui, como em um quebra-cabeça, encaixando os conhecimentos e vivências prévias às experiências na Coordenação. Em todo o conhecimento que resguardo hoje e que versam sobre a saúde mental e o racismo, vejo que tem um pouquinho de cada momento da vida, daquilo que está em meio a vida, seja no trabalho, na militância, na universidade e como Residente. Das construções e desconstruções feitas nesse processo reforço a sensibilização (amorosa e política) e a compreensão que obtive acerca da subjetivação das vidas do povo negro frente ao racismo.

Como o negro se produz em meio ao racismo e a força negativa e destrutiva de potência, é, sim, uma questão a ser discutida na saúde mental.

Estar em uma equipe multiprofissional envolvida com a gestão e sentir-me como parte dela, tanto nas produções como nos momentos de desafio, foi uma das principais motivações para pautar a discussão sobre saúde mental e a população negra. Com o passar dos meses consegui avançar no trabalho proposto pelo meu plano de ação, envolvendo na proposta outros espaços do Departamento de Ações em Saúde (DAS/SES) da Secretaria Estadual de Saúde/RS. Esta temática envolveu os trabalhadores da atenção básica, da saúde mental, de secretarias municipais de saúde de outros municípios, e avalio que consegui compor com as equipes, de modo que a minha proposta de discussão como Residente e o desejo daqueles profissionais de pautar o tema das relações étnico-raciais nesta política pública não morresse na praia.

3.8. “SOU PORQUE NÓS SOMOS”! O I Encontro Estadual de Saúde Mental e Racismo

Um dos frutos do trabalho de mapeamento no estado das ações que envolvessem cuidado em saúde mental da população negra majoritariamente, ou comunidades remanescentes quilombolas, na atenção básica, vinculado ou não a “Oficinas Terapêuticas na Atenção Básica” foi tema do Encontro. Tivemos não só experiências exitosas municipais, como uma mesa que integrou Atenção Básica, Saúde Mental e Saúde da População Negra.

A organização deste espaço de encontro, entre esses temas que a mim são muito caros, foi tão gratificante quanto o fato de minha proposta ter sido acolhida pela equipe. Todos estiveram envolvidos na organização, tivemos um público bastante significativo e muitas falas feitas pelos técnicos da equipe foram construídas coletivamente, em um processo de encontrar e reencontrar no trabalho o envolvimento entre a temática saúde mental e racismo.

Tivemos a participação dos municípios mapeados com experiências no tema representadas por trabalhadores, gestores e usuários do SUS. Trazer para discussão o trabalho e o diálogo entre a atenção básica e a saúde da população negra, tendo como ponto principal a saúde mental foi de grande aprendizado. Mais do que pautar uma ação planejada por mim, em minha formação nesse campo, obtive considerável conhecimento teórico-prático. Desafios à declaração de amor foram questões de destaque deste evento.

Tivemos a discussão do “racismo institucional” no debate realizado no evento. Possibilidades de reflexão sobre o entendimento de que somos nós que fazemos o SUS, então nós precisamos discutir a questão do racismo institucional. Quanto à declaração de amor, tivemos as narrativas de todos os atores convidados de cada município ao relatarem o quanto tem sido de grande conhecimento pessoal e profissional trabalhar com a saúde da população negra, colocando em discussão a subjetivação pela discriminação racial e racismo na perspectiva do cuidado em saúde mental.

As manifestações intensas do Movimento Social Negro também marcaram um lugar importante neste evento. Mais uma vez encontro-me com um espaço de gestão que busca equidade no SUS, que se põe em conversa com o movimento social, visando uma política pública de Estado.

Muitas camisetas da campanha pela autodeclaração estavam no debate, representando o amor à ancestralidade e a força deste amor na luta por uma saúde, um cuidado, uma vida equânimes.

Nos diferentes encontros que vivencie no trabalho, uma característica comum são as falas e as escutas se entrelaçando como rede de sustentação. Nestes momentos reconheço então a potência da filosofia UBUNTU, da força de resistência do Quilombo, da necessidade de reparação histórica que o povo negro reivindica e, principalmente, no meu olhar à declaração de amor a ancestralidade. Estar em contato com representações de comunidades remanescentes quilombolas e visitar Palmares aqui no Rio Grande do Sul é compreender o que representa garantir Políticas de Ações Afirmativas.

Fernando Sabino

De tudo ficaram três coisas

A certeza de que estamos começando
A certeza de que é preciso continuar
A certeza de que podemos ser interrompidos
antes de terminar
Façamos da interrupção um caminho novo
Da queda, um passo de dança
Do medo, uma escada
Do sonho uma ponte
Da procura, um encontro!

3.9. Formação no SUS: saúde mental coletiva no encontro com as relações étnico-raciais na saúde

Para além da especialidade na saúde mental, a residência prevê uma formação para o trabalho no SUS. Desse modo, dialogar com a Política de Saúde da População Negra é estar discutindo a equidade neste sistema, com o foco na maior parte da população. Para além das minhas paixões e desejos na formação, na vida e na militância, reconheço esta oportunidade como uma grande possibilidade de ampliar a formação de profissionais da saúde. Hoje falo de um lugar específico de gestão estadual, mas acredito que em breve outros campos que dialoguem de forma teórica e prática com esta política vão receber residentes. Assim eu acredito: Utopia agora!!

Quanto a esses pensamentos aqui narrados, tenho escritos guardados que demonstram a construção do aprender e do desaprender no trabalho na residência a partir do campo:

“Militar por uma causa, acreditar em algo que pode mudar o mundo, utopias? Eu diria mais. Sentidos e movimento. É assim que me sinto hoje discutindo as relações étnico-raciais, o racismo, a discriminação racial. Vejo que algo em mim mudou. Afecção, movimento, a vida, ser mais humana, o processo constante da vida, e isto tudo pode também passar pelo trabalho, pelas relações de amizade, de amor, de desamor, pode tudo, porque fala de mudanças constantes e construção do que passa pelo corpo e transborda em experiência”.

Em minha opinião as relações étnico-raciais deveriam estar nos cotidianos dos trabalhadores da saúde, quem trabalha na saúde mental também deve estar atento às reflexões sobre o racismo e a discriminação racial sofrida pelos usuários e nas instituições.

O olhar para um sujeito negro ao ser acolhido nos serviços de saúde deve carregar-se de sensibilidade para enxergar toda a carga de exclusão social sofrida nesta sociedade. A população negra, com aquela pessoa que chega ao serviço de saúde, carrega historicamente as marcas do preconceito devido à cor da sua pele. É imprescindível refletir sobre a subjetivação negativa que chega a pessoa, de diferentes formas, modos e gestos, reconhecendo nesta construção subjetiva o que pode estar desencadeando sofrimentos intensos de diferentes ordens, como aquelas psíquicas.

Em um país como o Brasil, onde muitas pessoas dizem que vivemos uma democracia racial, esta discussão está presente, precisa ser pautada na saúde, seja por alguma especialidade ou não, pois ainda temos muito chão cheio de preconceito pela frente. Sem dúvidas ainda teremos no SUS muitos debates e embates devido à luta por uma saúde mais equânime. Sou mais uma sementinha plantada na luta, pois assim como outros colegas da formação em Residência, tive a oportunidade de estar no campo da Coordenação Estadual de Saúde da População Negra, e, para, além disso, tive a possibilidade de discutir estas questões no coletivo dos Residentes ampliadamente através dos meus registros, estudos e trabalho final de residência. Vou semeando as necessidades de amorosidade, na/com/frente à diferença e a equidade na saúde por onde passar.

4. Reflexões, amorosidades e utopias finais

Das experiências aqui descritas, busquei, assim como no percurso feito nos campos de prática, encontrar traduções poéticas para minha formação. Eis que as narrativas aqui descritas carregam toda beleza dessa busca. Como se tudo estivesse predestinado no caminho da residência, encontrei a trilha dos meus desejos de trabalhadora, mulher, ser humano e militante. Por tudo isto, faz muito sentido narrar as itinerâncias, as mudanças de campo, as marcas de cada campo em mim, o AMOR, as ALEGRIAS, os ENCONTROS...

Formação em ação! Como se tivesse disparado o botão da intensidade em minha vida, todos os dias vividos foram de muita aprendizagem profissional e crescimento pessoal. Uma vida só, eu trabalhadora, eu ser humano. Precisei dos abraços e sorrisos do coletivo da residência para seguir. Fui acolhida, quando se falava da importância do dispositivo “acolhimento” descrito na Política de Humanização⁵. Chorei muitas vezes, e em outras consegui acolher algumas lágrimas que chegaram de outros.

Falo de amor, aquele que se constrói da/na/com a paixão. Foi assim, no meu percurso da Residência. Coração disparado com a lista de aprovação, adrenalina ao conhecer os colegas, euforia nas itinerâncias e escolhas dos campos, beijos e abraços dos colegas e trabalhadores das equipes. Tiveram também os momentos de decepção, de aprendizado, de cometer erros para aprender. Neste caminho todo se construiu o AMOR. Assim o tempo passa, mudamos de vida, de cidade, de trabalho, novos amores, mais amores, mas no coração aquele lugar já está marcado, ganha novo lugar.

Tentei aqui um pouco contar sobre os encontros que produziram saberes de vida e novos significados para o fazer em saúde. Busquei palavras, versos, autores, porém, a transformação é tão grande que tenho certeza que ainda vou passar muito tempo da minha vida vivendo e narrando os aprendizados destes encontros. Voltarei a rever as fotos tiradas durante todo este tempo em outro tempo, no tempo de trabalhadora do SUS que viveu uma formação em serviço.

⁵ A Política Nacional de Humanização objetiva adotar a humanização como diretriz política transversal entendida como um conjunto de princípios e diretrizes que se traduz em ações nas diversas práticas de saúde esferas do sistema caracterizando uma construção coletiva. A humanização estabelece, portanto, a construção de atitudes ético-estético-políticas em sintonia com um projeto de co-responsabilidade e qualificação dos vínculos interprofissionais e entre estes os usuários e a produção de saúde (BRASIL, 2003, p. 2,3).

Fico emocionada em terminar, em escrever sobre tudo que passei, que senti no corpo, na vida. Mas com tantas alegrias este fim não deve ser de despedida, mas de começo, de uma nova mulher, nova militante, nova trabalhadora do SUS. Assim como objetiva essa formação em serviço, na vida e em todas as alegrias, tristezas, surpresas que ela nos reserva.

REFERÊNCIAS

AMARANTE, P. **Saúde mental e atenção psicossocial**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2007. p.120.

AMARANTE,P.; FREITAS, F.;NABUCO, E.S.; PANDE, M.R. Da arte-terapia nos serviços aos projetos culturais na cidade: a expansão dos projetos artísticos-culturais da saúde mental no território. In: AMARANTE, P; CAMPOS, F.N. (Org.). **Saúde mental e arte: práticas, saberes e debates**.São Paulo: Zagodini, 2012, p. 23-38.

BARROS, M. - **Memórias inventadas a segunda infância**. São Paulo: Planeta, 2006 p.52.

_____. Canção do Ver. Acesso em 23 de novembro de 2014. Disponível em: < <http://veredasdalngua.blogspot.com.br/2011/09/eu-escrevo-com-o-corpo.html>>.

BONDÍA, J.L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas, n. 19, p. 19-28, Jan- Abr, 2002.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Relatório Final da IV Conferência Nacional de Saúde Mental** – Intersetorial, 27 de junho a 1 de julho de 2010. Brasília: Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde p. 210, 2010.

_____. Ministério da Saúde. **Clinica Ampliada e Compartilhada**. Brasília: Ministério da Saúde, p.62, 2012.

_____. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Humanização**. Brasília: Ministério da Saúde, p.16, 2003.

FAGUNDES, S.M.S. Saúde Mental Coletiva: a construção no Rio Grande do Sul. Saúde Mental Coletiva. **Revista do Fórum Gaúcho de Saúde Mental** (reedição), v. 1, n. 1, p. 51-54, 1992.

CAVALCANTI, R. É preciso mudar. Acesso em: 20 de novembro de 2014. Disponível em: < <http://www.mundojovem.com.br/poesias-poemas/homem/e-preciso-mudar>>.

COSTA, L.B. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. **Revista Digital do LAV**, Santa Maria, v. 7, n.2, p. 66-77 – Mai – Ago ,2014 .

CUTI. Cravos Vitais. Acesso em: 20 de setembro de 2014. Disponível em < <http://correspondenciapoetica.blogspot.com.br/2010/07/cravos-vitais-de-cuti.html> >.

LEMINSKI. P. **Toda Poesia**.São Paulo. Editora Companhia das Letras, 2013, p.421

MANDELA, N. Bondade. Acesso em: 12 de setembro de 2014. Disponível em: <<http://pensador.uol.com.br/frase/MzY0Nzkx/>>.

MALOMALO, B. “Eu só existo porque nós existimos”: a ética Ubuntu. **Revista do Instituto Humanistas Unisinos**, São Leopoldo, n.353, p.19-22, dez, 2010.

MORAES, V. Como dizia o poeta. . Acesso em: 20 outubro de 2014. . Disponível em <<http://letras.mus.br/vinicius-de-moraes/49266/>> .

KIRST, P.G.; GIACOMEL, A.E. ;RIBEIRO, C.J.S. ;COSTA, L.A.;ANDREOLI, G.S. Conhecimentos e Cartografia: tempestade de possíveis. In: FONSECA, T.M.G ; KIRST, P.G. (Org). **Cartografias e Devires a construção do presente**.Porto Alegre: UFRGS, 2003, p. 91-101.

PALOMBINI, A. Acompanhamento terapêutico: dispositivo clínico-político. **Revista Psychê**, São Paulo, nº 18, p. 115-127, Set, 2006.

PELBART, P.P. Poder sobre a vida, potência da vida. **Revista Lugar Comum - Estudos de Mídia, Cultura e Democracia**, Rio de Janeiro, n.17, p.33-43, Abril, 2002.

RAMOSE, M. A importância vital do “Nós. **Revista do Instituto Humanistas Unisinos**, São Leopoldo, n.353, p.8-9, Dez, 2010.

RANGEL, C.H. UBUNTU/FAMÍLIA . Acesso em: 20 de setembro de 2014. Disponível em <<http://www.luso-poemas.net/modules/news/article.php?storyid=263503>>

SABINO, F. De tudo ficaram três coisas... . Acesso em: 13 de dezembro de 2014. Disponível em: <<http://pensador.uol.com.br/frase/Mzk2Nzk2/>>.

SATER, A. Tocando em frente. . Acesso em: 20 de setembro de 2014. Disponível em <<http://letras.mus.br/almir-sater/44082/>>.

SÁ OLIVEIRA, L.B.; CUNHA JÚNIOR, H. A. **Revista África e Africanidades**, Rio de Janeiro, n. 16 e 17, p. Fev- Mai, 2012. Acesso em: 10 de janeiro de 2015. Disponível em: <<http://www.africaeaffricanidades.com.br/edicao16-17.html> >.

SARAMAGO, J. Alegria. Acesso em 2 de novembro de 2014. Disponível em: <<http://www.citador.pt/poemas/alegria-jose-de-sousa-saramago> >.

SILVEIRA, O. Roteiro. In AUGUSTO, R. **Oliveira Silveira: obra reunida**. Porto Alegre:Instituto Estadual do Livro, 2012, p.327.

_____. Treze de Maio. In AUGUSTO, R. **Oliveira Silveira: obra reunida**. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 2012, p.249.

_____. Negra Velha. In AUGUSTO, R. **Oliveira Silveira: obra reunida**. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 2012, p.230.

_____. Duas Palavras. In AUGUSTO, R. **Oliveira Silveira: obra reunida**. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 2012, p.262.

_____. Cabelos que negros. Acesso em: 15 de outubro de 2014. Disponível em: <<http://oraliturafro.blogspot.com.br/2010/02/oliveira-silveira-cabelos-que-negros.html> >

SILVA, Q.T.A; CABALLERO, R.M.S. A micropolítica da formação profissional na produção do cuidado: devir-residência. In: FAJARDO, A.P.; ROCHA, C.M.F.; PASINI, V.L. (Org.). **Residências em saúde: fazeres & saberes na formação em saúde**. Porto Alegre: Hospital Nossa Senhora da Conceição, 2010. p.61-71.

YASUI, S. Rupturas e encontros: desafios da Reforma Psiquiátrica Brasileira. 2006.208f. **Tese para obtenção do título de Doutor em Ciência nas área da saúde**. Escola Nacional de Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2006.